

REFLEXÕES SOBRE O TEMA DA AUTENTICIDADE EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM* DE CLARICE LISPECTOR

Déborah Maria Lima

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

(deborahmaria@live.com)

Resumo

Neste artigo, objetiva-se considerar as características do romance *Perto do Coração Selvagem* (1998), à luz da valorização do tema da autenticidade pela literatura moderna, conforme os pressupostos teóricos de Lionel Trilling (2014). A autenticidade seria a busca do sujeito por uma verdade última do eu, tratada com alguma ironia e performatividade em relação aos papéis assumidos socialmente. No romance de Clarice, as reflexões que Joana expressa diante do mal, das convenções e da própria liberdade são perguntas possíveis a nós mesmos enquanto leitores. Entendemos que esse estilo de escrita pessoal não torna a objetivação da obra impossível, nem inviabiliza sua formação em relação à moral coletiva da sociedade. Ele está ligado a um tipo de literatura que coloca em palco algumas preocupações pessoais, um tipo de narrativização do eu.

Palavras-chave: *Perto do coração selvagem*; Literatura e autenticidade; Clarice Lispector.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Déborah Maria Lima

Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), licenciada em Ciências Sociais e em Pedagogia. Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e doutora em Ciências Sociais pelo mesmo Programa (UFCG). Durante o mestrado, sua pesquisa esteve focada em temas relacionados às sociabilidades políticas, cultura política e afetos. Durante o doutorado, sua formação se deu a partir de pesquisas voltadas para a relação entre sociedade e literatura, com ênfase na vida e obra de Clarice Lispector sob a perspectiva sociológica. Atualmente, tem focado nos estudos sobre Teoria Social clássica, literatura e sociedade, participando como pesquisadora do “Aisthesis: Grupo de pesquisa e estudos sobre arte e literatura”.



lattes.cnpq.br/6877695302629361



orcid.org/0009-0005-6601-5779

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

REFLEXÕES SOBRE O TEMA DA AUTENTICIDADE EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM* DE CLARICE LISPECTOR

Déborah Maria Lima

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

(deborahmaria@live.com)

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector era apenas uma jovem de cerca de 23 anos de idade quando publicou seu romance de estreia. Essa obra representaria inovação de estilo e expressão na literatura brasileira. Lispector trabalhava como repórter e já havia publicado alguns contos e reportagens em jornais. Esses primeiros escritos já apontavam seu estilo peculiar. Entretanto, antes de publicar o romance, ela era completamente desconhecida no cenário literário. Lispector passou a representar um marco no contexto da nossa literatura, quando publicou *Perto do Coração Selvagem*, no final de 1943.

Inicialmente, Clarice tentou publicar o romance em algumas editoras sem muito sucesso. Inclusive, conforme Almeida (2022), ela teria sido rejeitada na José Olympio, a qual tinha como editor-chefe o crítico literário Álvaro Lins. Posteriormente, este crítico renomado escreveria uma análise sobre a obra. Felizmente, Clarice consegue publicar sua obra inaugural pelo setor editorial do jornal *A Noite*, onde trabalhava como repórter. Ela faz um acordo com a editora, de que não lucraria com os livros vendidos. Em troca, foram impressos mil exemplares do romance. Clarice ficou com algumas cópias e distribuiu alguns exemplares entre críticos e amigos.

A publicação do romance inaugural repercutiu em jornais e nas críticas literárias. Destacamos três críticos renomados que escreveram sobre *Perto do Coração Selvagem*: Sérgio Milliet, em janeiro de 1944, no jornal *O Estado de São Paulo*; Álvaro Lins, em fevereiro de 1944, no *Jornal de Crítica*; Posteriormente, Antonio Candido, no *Jornal da Manhã*, em sua coluna *Notas de Crítica Literária*, em duas partes. O primeiro artigo, intitulado “Língua,

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Pensamento e Literatura”, foi publicado em 25 de junho de 1944. O segundo artigo, “Perto do Coração Selvagem”, foi lançado em 16 de julho de 1944. Estes seriam republicados e novamente revisados, no livro *Outros Escritos*, de 1970, sob o título do famoso artigo “No Raiar de Clarice Lispector”.

Clarice fez com que três dos principais críticos da época escrevessem sobre ela. Todos ficariam surpresos com a originalidade da obra e com o estilo inovador da escritora. Conforme Flora Süssekind (2002), nesse período, predominava a cultura da crítica de rodapé, que pode ser compreendida em detrimento da crítica acadêmica. A crítica de rodapé criava uma ambiência intelectual e literária, que influenciava a venda de livros e condicionava os leitores. Os três críticos citados acima são nomes importantíssimos na crítica brasileira. Clarice ganhou o prêmio Graça Aranha de melhor estreia literária, em 1944. O requisito para ganhar este prêmio era a originalidade da obra.

Temos um cenário em que a obra dessa jovem estreante impactou e provocou a crítica. Ela fez com que esses críticos refletissem sobre suas concepções estéticas e de mundo. A literatura tem essa capacidade de ligação com a realidade histórica e social, porque pode criar e transformar percepções. Todos eles consideraram o romance como original nas nossas letras, por várias características, como o viés psicológico, introspectivo e o tom pessoal. A obra de Clarice provocou esses autores a refletirem sobre suas concepções de mundo, de sujeito e de realidade. Podemos conceber a literatura como essa dimensão lúdica, em que se pensa o estado moral da sociedade. É nesse sentido que o crítico literário Lionel Trilling (2014) vai inserir o tema da autenticidade como um valor moral acentuado da literatura moderna, e também enquanto característica relevante na imaginação moral de alguns escritores do século 20. A partir dessa ideia, pretende-se lançar considerações sobre o significado da autenticidade em *Perto do Coração Selvagem* (1998), de Clarice Lispector.

NÃO SOU SENÃO UM ESTADO EM POTENCIAL¹: CONSIDERAÇÕES SOBRE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Perto do Coração Selvagem é um romance narrado em terceira pessoa e tem como protagonista a personagem Joana. Conforme Olga Borelli (1998, encarte), essa narrativa tem: “[...] um enfoque irreversível do eu, personagem central dos textos de Clarice. É a autora que se funde aos personagens, o personagem que se sobrepõe ao autor”. O romance possui um enredo rarefeito, os fatos têm pouca importância e não seguem uma linearidade temporal. A

¹ Referência à correspondência de Clarice Lispector a Lúcio Cardoso, no ano de 1941. In: LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 16.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

estrutura do livro confunde as experiências e impressões da infância e vida adulta de Joana. Observa-se o modo como a autora trata do enredo em segundo plano na ficção. Assim, os fatos da vida de Joana são expostos e resumidos logo no início do romance, sem qualquer suspense para o leitor. Esses fatos são ordinários, muito embora marcados pela morte do pai de Joana, e a já orfandade de mãe:

Nesse instante mais desperta, se quisesse, com um pouco mais de abandono, Joana poderia reviver toda a infância...O curto tempo de vida junto ao pai, a mudança para a casa da tia, o professor ensinando-lhe a viver, a puberdade elevando-se misteriosa, o internato... o casamento com Otávio... Mas tudo isso era muito mais curto, um simples olhar surpreso esgotaria todos esses fatos. (LISPECTOR, 1998, p. 26)

O jogo de busca e fuga das formas configura o romance. Nessa atmosfera de Joana, o mundo é vacilante e extremamente significativo, parece com aquele descrito pelo teórico Tim Ingold, em seu ensaio sobre as coisas: “[...] um mundo de matéria em fluxo. Um mundo em fervura constante.” (2012, p. 235). A procura de Joana, suas aspirações ao informe, contrasta com as convenções impostas socialmente, caracterizando o tom onírico que perpassa o livro. Assim, enquanto leitores, somos envolvidos pelo ritmo de busca em que Joana revive a infância, a puberdade, e segue para a vida adulta, como se tudo pudesse. Todos os fios do ciclo da vida estão soltos e alternam entre a infância e a vida adulta, conforme a necessidade interior da personagem.

A tensão pulsa ao longo do romance, a vida interior de Joana se contrapõe à construção de outros personagens, às coisas e aos arquétipos femininos. Assim, Joana lida com o seu destino e os fatos de sua vida: a mãe já morta, o pai que morreu ainda na infância, a vida na casa da tia, a ida para o internato, o encontro com símbolos de formação sentimental e intelectual (como o professor), o casamento com Otávio, a antiga noiva e atual amante do marido, o amante dela, o divórcio. São fatos de uma vida ordinária em todo caso. Nossa heroína, apesar de tudo, é comum.

A imagem de mulheres, com subjetividades diferentes/opostas, é um aspecto intensamente explorado. Principalmente, no contraponto entre Joana e a personagem Lídia, ex-noiva do marido de Joana, que se torna amante dele posteriormente. Essas contradições demonstram as facetas da autora. Os aspectos relacionais entre vida íntima e externa da personagem são conflitos envolvendo deveres sociais, convenções como o casamento, a própria maternidade, a imagem do que é ser mulher e as inquietações sobre o momento da criação artística.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Uma das formas de existir que a autora atribui à Joana é a prática de algumas maldades e amoralidades. Quando adulta, Joana joga um livro na cabeça de um velhinho, que lamentava com ela sobre sua saúde precária. Depois de machucá-lo, Joana pensa: “agora já perdeu aquele ar repugnante. Um velho só deveria sofrer” (LISPECTOR, 1998, p. 92). No capítulo *O Banho*, a tia de Joana a vê roubando um livro, ao ser questionada a menina responde: “Sim, roubei porque quis. Só roubarei quando quiser. Não faz mal nenhum” (LISPECTOR, 1998, p. 49). A tia fica horrorizada com a atitude da menina.

Estamos nos referindo a uma literatura que expressa a fadiga sobre as exigências depositadas no sujeito, por ele mesmo e pela sociedade. Durante o romance, o casamento é uma convenção através da qual são destacadas as características da ordem, obrigação e do cotidiano. O significado do casamento ganha destaque, representando uma vida em forma de previsibilidade e estabilidade; ao contrário, o que Joana aspira é a uma liberdade inconcebível. A autora nos apresenta essa tensão na construção dos personagens, no uso da linguagem que tornam ambíguas nossas ideias dos arquétipos femininos, da valorização da maldade, dos desvios do significado do bom, belo e justo. A insistência na resignação do heroico é comum: “O que nela se elevava não era coragem, ela era substância apenas, menos do que humana, como poderia ser herói e desejar vencer as coisas?” (LISPECTOR, 1998, pp. 82-171).

O que seria o heroico da personagem? A tensão nos é mostrada por meio do contraste: “Havia o perigo de se estabelecer no sofrimento e organizar-se dentro dele, o que seria um vício também e um calmante. [...] O que fazer então? [...] Por que não tentar amar? Por que não tentar viver?” (LISPECTOR, 1998, p. 83). Nessa passagem, o tentar viver, o tentar amar está relacionado a uma convenção que a personagem está em vias de assumir: o casamento com Otávio. Joana casa com Otávio, que antes era noivo de Lídia, sendo ela o arquétipo feminino que mais contrasta com Joana. A relação entre Joana e Lídia demonstra uma tensão interessante que vai configurando os dois polos do romance: Lídia, perfeitamente adequada ao seu destino; Joana, deslocada quanto ao seu.

O romance termina quase em oração, por uma voz em primeira pessoa. Joana está liberta de tudo o que se ligou antes. Como pura pulsão e inspiração, Joana representa a dor de se criar uma forma estética ou qualquer coisa que aprisione essa vida profunda, impossível... a que é diferente da *vida* das coisas ordinárias. Ela está em movimento, inacabada: “Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-se sempre em transição.” (LISPECTOR, 1998, p. 49). Sempre em transição, como se Joana representasse tudo o que pulsa dentro da capacidade criadora, expressando a tensão da autora ao transformá-la em obra estética. Vejamos, no próximo tópico, como integramos o tema da autenticidade à nossa análise.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

O TRAÇO DA AUTENTICIDADE: VALOR MORAL E LITERÁRIO

Conforme Hans Robert Jauss (1994, p. 41), as obras literárias têm o caráter de serem permeáveis aos acontecimentos da realidade histórica, seja por causa do gênero a qual pertencem ou do estilo predominante da época. Contudo, isso não significa um sociologismo automático, em que a obra reflete a realidade. Nesse sentido, a arte é um meio próprio de formação de sensibilidade. Essa perspectiva considera a obra de arte como dialética, entre antigo e novo: “A realidade humana não é apenas produção do novo, mas também reprodução (crítica e dialética) do antigo” (JAUSS, 1994, p. 47). Quando *Perto do Coração Selvagem* (1998) foi publicado, havia a tradição dos romances de 30, que priorizava determinados temas, esta tradição não foi seguida por Lispector. Ao contrário, ela utiliza o gênero romance, adaptando-o às suas necessidades de expressão e de construção de autoria.

Nesse sentido, a crítica escrita por Álvaro Lins sobre *Perto do Coração Selvagem* considera a característica da personalidade da obra como uma dificuldade na escrita de Clarice Lispector. O tom intimista e pessoal, conforme Lins (1944), prejudicaria a objetivação da obra, como se o que se sobressaísse fosse apenas a personalidade excepcional da autora do livro. Essa escrita intimista fez Lins (1944) duvidar da impessoalização do romance e da completude de sua ficção. Essas percepções apontadas pela crítica de Lins (1944) são interessantes para considerar as características de *Perto do Coração Selvagem*, sob à luz da valorização da autenticidade pela literatura moderna, como expressa por Lionel Trilling (2014).

Mas em que consiste essa autenticidade? A busca por autenticidade seria uma trajetória irônica, a procura vã por uma verdade última do eu, que vai além dos papéis assumidos socialmente. Entretanto, é justamente nessa aspiração que consiste a vitalidade de Joana. As reflexões que ela expressa diante do mal, das convenções e da própria liberdade são perguntas possíveis a nós mesmos enquanto leitores. Podemos analisar que esse estilo de escrita não torna a objetivação da obra impossível, nem inviabiliza sua formação em relação à moral coletiva da sociedade. Ela está ligada a um tipo de literatura que coloca em palco algumas preocupações pessoais, um tipo de narrativização do eu. Neste romance, para Boreli (1998, encarte): “a pessoa e a escritora Clarice se confundem numa personalidade evanescente”.

O crítico literário Lionel Trilling (2014), ao analisar a relação entre literatura e sociedade, argumenta que muitos escritores e críticos literários do início do século 20 tendiam a separar a obra literária daquele que a criou. A tendência à impessoalização das obras era figurada por intermédio da persona/máscara do artista. Essa era a ideia de que a

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

autoria não correspondia a ‘pessoas ou eus’, mas sim ao artista, aquele que deveria sacrificar continuamente a personalidade em prol da criação.

Entretanto, o paradoxo desta situação seria de que, na medida em que se aprimorava a máscara do artista, mais se intensificava uma tendência a falar de assuntos íntimos nas obras criadas. Ele argumenta que a literatura nunca tratou de assuntos pessoais com tamanha vivacidade como a contemporânea, isso, graças a maior liberdade e abertura que a máscara de artista permitiria ao seu criador. Esta pode ser uma possível leitura dos temas presentes na literatura de Lispector.

Utilizando a máscara do artista, esses escritores não se apresentariam até nós, leitores, como “homens falando para homens”, mas enquanto *personas* (TRILLING, 2014, p. 18). Entretanto, a partir do paradoxo apontado, o de que jamais houve uma literatura tão pessoal, o critério da autenticidade é pertinente ao juízo de suas obras. Essa preocupação, “com o eu e a dificuldade de sermos verdadeiros para com ele” (TRILLING, 2014, p. 18), é visualizada em *Perto do Coração Selvagem*. A autenticidade pode ser compreendida junto à ideia de máscara do artista. Trilling (2014, p. 18) cita Oscar Wilde para falar acerca do significado dessa máscara: “o homem é menos a si mesmo quando fala em seu próprio nome. [...] Dê-lhe uma máscara e ele revelará a verdade.” Trilling afirma isso para explicar que: “o confronto consciente e imediato entre experiência e sua expressão pública direta não necessariamente gera a verdade – e, na realidade, é provável que chegue até mesmo a pervertê-la” (TRILLING, 2014, p. 22).

Como a autenticidade se expressa em *Perto do Coração Selvagem*? Na experiência da escrita do romance, a ideia de autenticidade é representada através das tensões entre uma subjetividade (Joana), que não se adequa ao social e suas formas, em detrimento dos outros, dos deveres e das convenções. A noção de autenticidade trata de uma experiência mais exigente do eu, “tal como uma visão menos cordial das circunstâncias sociais da vida”. (TRILLING, 2014, p. 18). Sendo assim: “Sob as exigências do critério da autenticidade, muito do que outrora se cria formar o tecido da cultura passou a parecer de pouco valor, uma mera fantasia ou rito, uma manifesta falsificação da verdade” (TRILLING, 2014, p. 18). Joana é a batalha constante com o superego, o desejo de superar a inautenticidade. Numa batalha perdida, mas não vã, em que a própria autora se configura esteticamente através da elaboração da autoria, pois: “o conceito de autenticidade pode negar a própria arte, mas ao mesmo tempo figura como sua fonte obscura” (TRILLING, 2014, p. 22). Ainda que nossa heroína Joana negue qualquer forma, o que a autora está tentando fazer é, de algum modo, dar forma a sua expressão.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

A ideia de autenticidade pode ser visualizada junto à noção de *sehnsucht* (aspiração), presente em Georg Lukács na obra *A Alma e As Formas* (2017) e no próprio Lionel Trilling, como vimos. Para Lukács (2017, p. 46), essa nostalgia *sehnsucht* está relacionada à: “[...] condição existencial solitária e fraturada do homem moderno, que busca incansavelmente o caminho de retorno a sua pátria, ou seja, a um mundo de valores partilhados e comunicáveis.” A origem do estético seria: “uma nostalgia subjetiva por uma realidade adequada ao sujeito.” No campo estético, “a nostalgia encontra sua realização na obra de arte, que estabelece uma identidade entre sujeito e objeto” (LUKÁCS, 2017, p. 46).

Nessa perspectiva, a ideia do orgânico pode ser compreendida como uma aspiração, nostalgia *sehnsucht*. Na literatura de Lispector, o orgânico está relacionado com a autenticidade quando se expressa através de elementos que representam um estado de selvageria. Esses elementos podem ser elucidados no romance através: da comparação de Joana com os animais, da maldade superestimada e do desejo de se diluir nas coisas, essas são características frequentes: “Havia flores em alguma parte? E uma grande vontade de se dissolver até misturar seus fins com os começos das coisas. Formar uma só substância, rósea e branda” (LISPECTOR, 1998, p. 31). A aspiração à unidade da personagem também é parte da construção do romance:

Assim lembrava-se de Joana menina diante do mar: a paz que vinha dos olhos do boi, a paz que vinha do corpo deitado do mar, do ventre profundo do mar, do gato endurecido sobre a calçada. Tudo é um, tudo é um..., entoara. A confusão estava no entrelaçamento do mar, do gato, do boi com ela mesma. (LISPECTOR, 1998, p. 46)

Trilling (2014) apresenta o conceito de autenticidade dialeticamente, por meio do contraste com a noção de sinceridade. Esta pressupõe um juízo moral que valoriza a sociedade e se coloca numa relação de congruência perante ela, ou seja, a ideia de sermos verdadeiros conosco é um meio para assim agirmos perante a sociedade. A finalidade da sinceridade é o seu correto desempenho do papel público, temos que parecer sinceros para os outros. À luz dessa perspectiva, a representação da sinceridade de nós mesmos pode muito bem ser declarada inautêntica: “em virtude da autenticidade que lhe foi atribuída, a muito do que aquela cultura tradicionalmente condenava e desejava suprimir foi concedida autoridade moral – à desordem, a violência, a insensatez [...]” (TRILLING, 2014, p. 22).

Nesse sentido, uma literatura que valoriza a autenticidade representaria uma experiência *complexa do eu*, que põe em risco e despreza ou ironiza os preceitos formadores da civilização e da ordem. Portanto, a busca por autenticidade se constitui como matéria-prima da experiência artística, porque ela atribui destaque a tudo o que parece colocar em risco os valores morais coletivos, a *fadiga do eu* está aqui posta. Essa literatura permeia a

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

imaginação moral de muitos escritores modernos, dentre eles, Clarice Lispector. A escrita de Clarice permite que enxerguemos nosso modo de vida a partir de nossas delimitações morais, de classe, raça, gênero e concebe a imaginação do autêntico como uma aspiração (nostalgia).

Essas interfaces são a de uma escrita que não é indiferente à imaginação moral coletiva que a circunda, mas que toma forma e existência a partir dela. Em todo caso, nessa relação, a escrita não está preocupada em agradar ao público, inclusive, pode até desdenhá-lo com toda a sutilidade e performatividade. Desse modo, a autenticidade está associada à personalidade da obra literária, isso porque nela: “o artista busca sua autenticidade pessoal em sua autonomia – seu objetivo é ser capaz de autodefinir-se tanto quanto o objeto artístico que ele cria” (TRILLING, 2014, p. 113). Quanto ao público, espera-se uma comunicação, ainda que a obra de arte seja hostil e desagradável, ela deve cumprir sua função de obter autenticidade, “da qual o próprio objeto é modelo e o artista, exemplo pessoal” (TRILLING, 2014, p. 54).

Nessa literatura, não haveria lugar: “para a norma visionária da ordem, da paz, da honra e da beleza. Como chefes de família, donas de casa e pais, conservamo-nos fiéis a ela na prática.” (TRILLING, 2014, p. 112). Porém, enquanto leitores, exige-se o antagonico: “agora que a arte não precisa mais agradar, espera-se que ela ofereça a substância espiritual da vida.” (TRILLING, 2014, p. 112). A substância ligada ao sentimento de ser, algo de selvagem: “a obra de arte autêntica nos revela nossa inautenticidade e nos intima a superá-la” (TRILLING, 2014, p. 114). A obra de arte é autêntica por si mesma: “ela existe, segundo as leis de sua própria existência, as quais incluem o direito de incorporar temas dolorosos, ignóbeis ou socialmente inaceitáveis.” (TRILLING, 2014, p. 114).

Este declínio é visualizado em Clarice Lispector, e não com um tom pessimista, o que se destaca é a tensão; esta é demonstrada a partir de representações antagonicas que vão sendo configuradas esteticamente. As aspirações deste eu, que apesar de todos os papéis e realidades assumidos perante a sociedade e a si mesmo: “gostaria de murmurar: Fora com todos estes empréstimos! e refugiar-se com seu ego original e real” (TRILLING, 2014, p. 20).

A matéria dessa literatura pode ser uma aspiração ao ego original, a liberdade, a violência, a loucura, a natureza, o neutro. Assim como os *outros* que estão à margem das casas com móveis limpos dos personagens de Clarice, que lhes dão contornos e, por isso mesmo, um lugar, um papel. Este outro, também ficção, é tão misterioso e cheio de impressão quanto a própria autora, consciente do seu papel de encenação na escrita, qual seja, de que apesar das muitas vozes ali contidas, sua voz é a totalizadora.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

Considerar a autenticidade, como característica de análise em *Perto do Coração Selvagem*, permite-nos compreender o percurso do artista em sua busca. Se a autenticidade é a aspiração por um princípio muito puro e simples enquanto fonte de criação, ela o é ao passar pelos caminhos do inferno, das trevas, das coisas que ainda não têm forma. Não pode ser à toa que símbolos de pureza e lugares de passagem sejam personagens já destacados neste primeiro romance, os quais demonstram um lugar de deslocamento diante do mundo e das coisas. A criança, o adolescente, a empregada doméstica (aquela que pertence e não pertence à casa, que é de outra classe e pode ser de outra cor), a própria mulher por não representar o lugar de dominação, o idoso; também os animais, que trazem o arquétipo da pureza, dos impulsos, da selvageria e estado de graça. Na ideia dessa escrita, o excesso de civilização é o excesso de recalque.

Um dos temas que Trilling (2014, p. 18) exemplifica sobre do que se trata essa *literatura pessoal* é o de nos lançar perguntas ‘inadmissíveis’, que os próprios autores fizeram a si: “se estamos contentes com nossos casamentos, com nossas vidas profissionais, com nossos amigos” (Trilling, 2014, p. 20). Por fim, ela nos questiona: “se estamos contentes com nós mesmos, se estamos salvos ou condenados – mais do que qualquer outra ela diz respeito a salvação” (TRILLING, 2014, p. 20). Há em *Perto do Coração Selvagem* passagens que demonstram o desencanto com as convenções assumidas e com o próprio modo de vida. Joana se apresenta como a personificação da liberdade ou da busca por ela, diante de qualquer forma de vida que lhe seja imposta. As sensações de Joana tratam desses enfados, como nessa passagem:

O dia tinha sido igual aos outros e talvez daí viesse o acúmulo de vida. [...] Como se visse alguém beber água e descobrisse que tinha sede, sede profunda e velha. Talvez fosse apenas falta de vida: estava vivendo menos do que podia e imaginava que sua sede pedisse inundações. Talvez apenas alguns goles... (LISPECTOR, 1998, pp. 19-22)

Que acúmulo de vida seria esse? E não seria essa sede profunda e velha uma aspiração a uma forma autêntica de se viver?

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As colações ao longo do texto tiveram a finalidade de refletir sobre os temas presentes em *Perto do Coração Selvagem*, considerando o conceito de autenticidade. Este conceito é apresentado pelo crítico literário Lionel Trilling (2014), ao tratar a autenticidade como um valor moral e estético. Observamos que a autenticidade pode se constituir como matéria-prima da experiência artística.

No romance, a autenticidade é representada através das tensões entre uma subjetividade, a de Joana, que não se adequa ao social, e estabelece uma relação de conflito com a vida exterior. As tensões entre a vida íntima e externa de Joana, conflitos envolvendo os deveres sociais, convenções como o casamento, o exercício da maternidade, as imagens do que é ser mulher, as inquietações sobre o momento de criação artística, a superestimação da maldade, a representação selvagem da natureza e as comparações da personagem com animais, são alguns exemplos de como essa escrita de tom íntimo e pessoal trata de temas que expressam as fadigas depositadas no sujeito e da busca por autenticidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizanna. Uma crítica *Selvagem* para *Perto do Coração*. IMS, 03 mar. 2017. Disponível em: site.claricelinspector.ims.com.br/2017/03/03/uma-critica-selvagem-para-perto-do-coracao. Acesso em 31 ago. 2022.

BORELI, Olga. Encarte *in*: **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CANDIDO, Antonio. Língua, Pensamento, Literatura. **Folha da Manhã**. São Paulo, ano XIX. n. 6220. 25 de junho de 1944. Notas de Crítica Literária, p. 7.

CANDIDO, Antonio. *Perto do Coração Selvagem*. **Folha da Manhã**. São Paulo, ano XIX. n. 6237. 16 de julho de 1944. Notas de Crítica Literária, p. 7.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *In*: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, pp. 25-44, jan./jun. 2012.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LINS, Álvaro. Romance Lírico. *In*: **Jornal de crítica**, 11 de fevereiro de 1944. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1946.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. **A Alma e as Formas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MILLIET, Sérgio. **Diário Crítico de Sergio Milliet**. Volume II. São Paulo: Martins, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. *In: Papéis colados*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

TRILLING, Lionel. **Sinceridade e Autenticidade: A Vida em Sociedade e a Afirmação do Eu**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

TRILLING, Lionel. Costumes, Moral e Romance. *In: A Imaginação Liberal: Ensaio sobre a Relação entre Literatura e Sociedade*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014. Capítulo 12, pp. 249-265.

Recebido em: 14/05/2024

Aceito em: 03/09/2024

Publicado em: 08/03/2025

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

**REFLECTIONS ON THE THEME OF AUTHENTICITY IN
CLARICE LISPECTOR'S *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM***

Déborah Maria Lima

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

(deborahmaria@live.com)

ABSTRACT

In this article, we intend to show the characteristics of the novel *Perto do Coração Selvagem* (1988), in the light of modern literature's appreciation of the theme of authenticity, according to Lionel Trilling's (2014) theoretical prepositions. Authenticity would be the subject's search for an ultimate truth of the self, treated with some irony and performativity in relation to socially assumed roles. In Clarice Lispector's novel, the reflections that Joana expresses in the face of evil, conventions and freedom itself are possible questions for us as readers. We understand that this personal writing style does not make the objectification of the work impossible, nor does it make it impossible to form it in relation to the collective morals of society. It is linked to a type of literature that puts some personal concerns on stage, a type of narrativization of the self.

Keywords: *Perto do Coração Selvagem*; Literature and Authenticity; Clarice Lispector.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------

**REFLEXIONES SOBRE EL TEMA DE LA AUTENTICIDAD EN
PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM DE CLARICE LISPECTOR**

Déborah Maria Lima

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

deborahmaria@live.com

RESUMEN

En este artículo, el objetivo es considerar las características de la novela *Perto do Coração Selvagem* (1998) a la luz de la apreciación del tema de la autenticidad en la literatura moderna, según los presupuestos teóricos de Lionel Trilling (2014). La autenticidad sería la búsqueda del sujeto por una verdad última sobre sí mismo tratada con cierta ironía y performatividad en relación con los roles socialmente asumidos. En la novela de Clarice, las reflexiones que Joana expresa frente al mal, las convenciones y la propia libertad presenta interrogantes que también pueden ser relevantes para nosotros como lectores. Entendemos que este personal estilo de escritura no imposibilita la objetividad de la obra, ni inviable su formación en relación con la moral colectiva de la sociedad. Se vincula a un tipo de literatura que pone en escena algunas inquietudes personales, una especie de narrativización del yo.

Palabras-clave: *Perto do Coração Selvagem*; Literatura y Autenticidade; Clarice Lispector.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-15
----------------------------	-------------	-------	------	------